



A perspectiva da interdisciplinaridade brasileira na efetivação do professor-pesquisador na educação básica

Daniel de Carvalho Costa¹

Ana Maria dos Reis Taino²

Resumo

Este artigo objetiva descrever a interdisciplinaridade como uma nova postura diante do saber, a qual emerge com o intuito de auxiliar a devolver a completude originária a todo conhecimento e resgatar a participação do docente básico na construção desse saber. Assim, define-se a escola como ambiente de conhecimento, reflexo da ciência e intermediária dessa com as pessoas. Como tal, a escola oferece todo aspecto positivo relacionado à propagação dos avanços teóricos e às inovadoras descobertas que transformam e beneficiam a vida humana; mas também expõe aspectos negativos, como a fragmentação do saber, representada pelas inúmeras disciplinas que compõem o currículo e quase sempre incomunicáveis entre si; ruptura que se estende ao separar aqueles que produzem conhecimento daqueles que unicamente o divulgam. Atualmente a escola básica se contenta com a ação passiva de assimilar e divulgar tais conhecimentos, deixando de lado sua contribuição com o novo. Conclui-se demonstrando como a atitude interdisciplinar pode alterar esse quadro, valorizando a visão particular do professor, elevando-a ao patamar científico, completando e ampliando os saberes existentes.

¹ Mestrando no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano: formação, políticas e práticas sociais, da Universidade de Taubaté (UNITAU).

² Professora no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, da Universidade de Taubaté (UNITAU).

Recebimento: 15/05/2011 • Aceite: 23/08/2011

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Professor-pesquisador. Ciência. Escola.

The perspective of brazilian interdisciplinary in the consolidation of the teacher-researcher in elementary school

Abstract: This study aims at describing the interdisciplinary as a new attitude related to knowledge, which emerges with the objective of helping to develop the original completion of knowledge and rescuing the elementary teacher's participation in the building of this knowledge. In this way, school is defined as knowledge environment, science reflex and mediator between science and people. Thus, the school offers positive aspects related to the spread of theoretical advances and to the innovative discoveries that transforms and benefits the human life; but also shows negative aspects, like the fragmentation of knowledge, represented by the many disciplines which compose the school curriculum and are almost always cut off with each other; fragmentation extended when separates who produces knowledge and who only publishes it. Nowadays the elementary school is satisfied with the passive action of assimilating and publishing these knowledges, forgetting its contribution with the new. It concluded showing how the interdisciplinary attitude can change this setting, valuing the particular viewing of the teacher, elevating it to the scientific level, completing and extending the existing knowledges.

Keywords: Interdisciplinary. Teacher-researcher. Science. School.

Introdução

A escola é o lugar do conhecimento. Dentro de seu espaço, cada pessoa se defronta com uma perspectiva mais complexa do mundo em que vive, preenchendo o cotidiano de variáveis e incógnitas, elementos químicos, além de forças e valências até então desconhecidas e que oferecem nova

visão a cerca do mundo e dos homens. Essa íntima relação entre escola e ciência faz com que a primeira receba e reproduza muito mais do que os saberes obtidos pela segunda. A escola absorve também características positivas e negativas da ciência.

Como uma moeda, a ciência tende a apresentar duas faces. A face positiva encontra-se na multiplicação e na democratização do conhecimento. Sem sombra de dúvida, a escola é hoje, ao lado da família, a instituição responsável pela socialização do indivíduo e isso inclui a inserção da pessoa no mundo das ideias, dos fenômenos, ou seja, da explicação racional proporcionada pela ciência.

A face negativa diz respeito à fragmentação da ciência. Cada área do saber delimitou suas fronteiras e fechou-se nelas impedindo qualquer contato com saberes distintos. Isso se manifesta na escola de duas maneiras: a primeira na elaboração do currículo escolar, dividido em disciplinas, que atuam lado a lado, sem nunca interagirem; a segunda está na segregação entre aqueles que produzem conhecimento e aqueles que apenas o divulgam. A escola básica foi subjugada a esse posto, seus professores deixaram de ser tratados como pesquisadores, sendo responsáveis apenas por adotar e divulgar novos conceitos.

Entre as possibilidades que permitem superar esse crítico cenário, está a interdisciplinaridade. Esse conceito permite recompor a complexidade do conhecimento, oferecendo uma explicação do mundo muito mais próxima do real. Para tanto, devolve a todos a participação na construção desse conhecimento. Mais do que isso, a interdisciplinaridade exige essa múltipla atuação de modo que cada aspecto do conhecimento possa ser observado.

Quando esse ideal alcança a escola personificada em uma atitude interdisciplinar de cunho fenomenológico tipicamente brasileiro, incentiva cada docente a transformar sua individualidade, sua visão e seus questionamentos, em conhecimento, e os colocar a disposição do outro.

Tal atitude permite resgatar os professores-pesquisadores em todos os níveis da educação, quebrando, assim, a desigualdade atual, progredindo rumo à sustentabilidade cultural.

Da visão cartesiana à interdisciplinaridade

É notório, por parte daqueles que se ligam diretamente à ciência, o reconhecimento, cada vez mais claro, da impossibilidade das disciplinas em responder questões relacionadas à totalidade do saber, que explica a complexa realidade do mundo e da vida. O surgimento das especializações proporcionou o avanço no entendimento do homem e do mundo que o abriga, porém, esse avanço criou obstáculos para si ao fortalecer suas fronteiras e encarcerar-se dentro delas.

Essa ciência conquistou importantes respostas ao longo do tempo. O salto intelectual e tecnológico presenciado desde a modernidade se deu em uma velocidade sem precedentes. Mérito diretamente relacionado ao sistema cartesiano, em que a divisão dos problemas em partes menores lhe facilitaria a compreensão, permitindo uma melhor solução. Tal fragmentação daria existência às ciências particulares e permitiria um olhar aprofundado, um foco único, sobre apenas um dos inúmeros aspectos que compõem a realidade. Os resultados obtidos são tão importantes que a ciência perde parte do senso crítico que recai sobre si mesma. Ludibriada pelo avanço conquistado, ciência deu as costas à ideia que completa o sistema de Descartes, parte fundamental que exige, após a divisão das partes, o retorno à totalidade, solicita a ligação dos novos saberes ao corpo maior do qual se afastou.

Contudo, na busca por respostas cada vez mais detalhadas e específicas, a ciência fragmentou-se tanto a ponto de a comunicação entre os saberes desaparecer (POMBO, 1993). Quando isso acontece, o mundo descaracteriza-se, atrofia-se, sendo explicado por respostas que esquecem ou negam que as verdades se multiplicam, sobrepõem-se

umas as outras, relacionam e oferecem-se todas ao mesmo tempo, em um todo multifacetado chamado realidade.

Com a intensificação do fato, as instituições relacionadas diretamente com o saber e com as ciências não ficam inalteradas. A escola, por exemplo, absorve essa fragmentação dentro de sua organização curricular, dividindo a grade por disciplinas. O mundo exposto pela escola está dividido em matemática, língua portuguesa, física, química, filosofia, dentre outras. Tão forte é essa divisão que se tornam incapazes de dialogar entre si, de partilhar questionamentos e de construir respostas em conjunto. A divisão das disciplinas foi incapaz de reencontrar sua unicidade, tornando-se uma torre de Babel moderna.

Essa incompatibilidade entre as disciplinas está também entre aqueles que produzem conhecimento. As universidades tomaram para si a responsabilidade pela pesquisa, pelas inovações, deixando quem atua nas séries básicas como mero espectador de seus trabalhos. Com isso, muito de originalidade se perde. Respostas que habitam cada escola deixam de florescer quando professores negam suas experiências, construídas e corroboradas pelo dia a dia, e assumem posições alheias à realidade em que vivem.

Frente à realidade, uma nova forma de agir se impõe. A ciência moderna contribuiu e contribui muito, “Não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história” (FAZENDA, 2009, p.27), porém, os novos tempos, a complexidade dos problemas apresentados, exigem uma postura distinta com relação a eles. Tal postura pode vir da interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade é uma nova visão e uma nova atitude diante do conhecimento. Seu conceito transmite, em meio a diversas e polissêmicas definições, o aspecto comum da comunhão de saberes. Cada ciência oferece sua singularidade na construção de explicações mais completas e complexas e, assim, mais próximas da verdade.

Essa nova proposta é capaz de valer-se de todas as idiosincrasias que surgem na busca pelo conhecimento, caracterizando-se “como um movimento contemporâneo que emerge na perspectiva da dialogicidade e da integração das ciências e do conhecimento, buscando romper com o caráter de hiperespecialização e com a fragmentação dos saberes” (THIESEN, 2008, p.2).

A forte crítica dada à fragmentação da ciência não se direciona a existência das ciências particulares, volta-se sim ao seu aprisionamento dentro de sua área do saber. A interdisciplinaridade valoriza e incentiva cada produção de conhecimento; na verdade, para que ela mesma exista, é preciso de duas ou mais disciplinas interagindo entre si, “podendo ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa (JAPIASSU, MARCONDES, 1991, p.136).

Pela interdisciplinaridade, o que até agora se apresentava como um paradoxo excludente entre a fragmentação do conhecimento e a nova tendência para a unidade do saber passa a ser tratado também como convergente, isto é, a especialização do saber é responsável pelos avanços científicos e tecnológicos, que tão profundamente regularam e determinaram a nossa civilização, ao mesmo tempo em que a unidade do conhecimento permite-nos uma tentativa de compreensão da condição humana no mundo.

Tal postura ganhou importância e diferentes assimilações. De uma pluralidade de interpretações, duas perspectivas foram se fortalecendo e corroborando ao longo do tempo. Uma seguindo a tradição e cultura européia se voltou ao conhecimento epistemológico; outra, tradicionalmente norte-americana, é fortemente pragmática. Uma terceira via se apresentou ao longo dos anos, a de cunho fenomenológico, trazendo a interdisciplinaridade mais para dentro da escola e do convívio

pedagógico. Essa última há de quebrar, ao mesmo tempo, a fragmentação dos saberes e a hegemonia de poucos na construção do conhecimento.

Visões interdisciplinares

A interdisciplinaridade é um conceito em construção, permitindo, assim, distintas interpretações quanto a seu modo de utilização. Contudo, por mais diferentes que sejam as interpretações, oscilam, inicialmente, dentro de duas grandes tendências, advindas da América do Norte e da Europa. Uma terceira via obtém especial importância e ocupa espaço entre elas, tal vertente provém da América do Sul e é brasileira. As diferentes leituras justificam-se no fato de que “los actores sociales, los investigadores, los formadores universitarios o los docentes están involucrados con culturas que son el origen de estas diferenciaciones conceptuales y de su uso (LENOIR, HASNI, 2004, p.167).

A visão européia, representada pela escola francesa, é defensora do ponto de vista epistemológico, da pesquisa como síntese conceitual e ideológica, quer dizer, a pesquisa tendo como preocupação central a apreensão do sentido, da conceitualização, da compreensão que permite recorrer aos saberes interdisciplinares em prol de uma unificação das ciências e da busca da unidade do saber. Essa propicia a condição de auxiliar, por exemplo, no desenvolvimento intelectual, na busca pela apreensão da realidade, na compreensão do contexto a qual se pertence, de modo que a vertente epistemológica se faz presente oferecendo um campo de visão e de análise cada vez mais amplo e complexo, formando, assim, uma espécie de superciência.

Nessa visão, a qual os franceses compartilham com o mundo, o que vale é a constituição de um quadro conceitual global, ou seja, nesse modo de produzir conhecimento, a característica primordial dá-se pelo saber

teórico. Antes de qualquer ação, antes de qualquer decisão, é importante problematizar o saber, questionar-lhe e desvendar-lhe o sentido. Em suma, “é preciso enunciar claramente os motivos que tornam necessário sair das rotas acadêmicas já bem balizadas; apontar as necessidades científicas que demandam inovações no domínio da pesquisa e da pedagogia; e os objetivos a serem atingidos no processo de produção do saber” (RAYNAUT, 2011, p.71).

Tendenciosamente intelectualista, essa vertente apresenta a grande tentação de desvalorizar a opinião comum. Toda *doxa* é tida como parte do senso comum e esse é tido como lugar do erro, como um pensamento superficial e sem reflexão, que, ao invés de preencher-se com verdades, ilude-se com ideologias. Assim, o conhecimento popular, adquirido pela experiência dos anos vividos, corre o risco de ser negado e abandonado por não se encaixar em nenhum método científico.

Transcendendo toda conceitualização, a vida humana constitui-se também por problemas cotidianos que rompem as fronteiras do simples intelectualismo. Há situações em que a experiência e a vivência oferecem soluções imediatas e melhores para os desafios que se apresentam. Nesse sentido, a interdisciplinaridade também se une e contribui para a ampliação desses práticos saberes, ofertando as visões desenvolvidas, principalmente pela escola americana.

Essa singular visão a respeito da interdisciplinaridade está impregnada de um *modus operandi* intimamente relacionado a um tipo de visão pragmática e utilitarista. Deriva disso a compreensão de que a pesquisa e os novos conhecimentos rumam para respostas operacionais às questões sociais ou tecnológicas, pelo intermediário de abordagens instrumentais. Sua preocupação fundamental é da pesquisa da funcionalidade (LENOIR, 2005-2006).

A ideia central desses estudiosos da interdisciplinaridade está em promover a busca de um saber diretamente útil, aplicável no dia a dia e

capaz de resolver os problemas que se apresentam de forma rápida, hábil e eficiente. Geralmente, pode-se exemplificar essa corrente a partir do cotidiano das questões sociais contemporâneas e para qual a solução adotada segue o viés de uma prática política, ou seja, uma negociação em que diferentes pontos de vistas são apresentados e avaliados para, enfim, decidir-se por uma ou por outra visão considerada, naquele momento, mais apropriada aos fins desejados.

Aqui, a questão da interdisciplinaridade não é antes de tudo teórica, como analisamos na vertente anterior, ela é pragmática e organizacional; por isso, facilmente perceptível nos ambientes de formação profissional, por exemplo. O que torna o homem livre “no está relacionado directamente com los conocimientos, sino con La capacidad de actuar em y sobre el mundo” (LENOIR, HASNI, 2004, p.171).

Essa denominada ordenação social tende a ligar o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas (FAZENDA, 2009). Isso gera a preocupação em não permitir que as relações de poder interfiram nas decisões, de modo que as escolhas acabem por privilegiar uma determinada classe ou grupo social.

Apesar de distintos, ambas as vertentes rumam para um mesmo objetivo, um saber capaz de apresentar uma resposta cujo alcance atinja o máximo possível. Independente da definição que cada autor assuma, a interdisciplinaridade está sempre situada no campo em que se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e em que, simultaneamente, exprime-se a resistência sobre um saber parcelado (THIESEN, 2008).

A terceira via: a tendência fenomenológica

Avaliar a vertente americana e europeia significa reconhecer contribuições inestimáveis para a construção do saber, mas a opção por cada uma

delas não está nelas mesmas, e sim na pessoa do pesquisador. Sendo assim, seja um conhecimento epistemológico, seja um conhecimento prático, ambos só têm sentido se ligados à vida humana. Somente ganham especial lugar em nossas discussões se evidenciam o homem, se entram em acordo com a necessidade, com os questionamentos, com o cotidiano da pessoa; se, enfim, exaltam as pessoas que constroem esse saber.

A importância dada à subjetividade da pessoa é o que permite contribuir para o desenvolvimento da ciência. Cada um tende a enxergar o que a outro é impossível, cada singularidade consegue observar o que passa despercebido a outro, e tais informações são partes essenciais da verdade. É para devolver esse conhecimento esquecido dos grandes teóricos que surge uma nova concepção de interdisciplinaridade. Ela é uma vertente originalmente brasileira da interdisciplinaridade e tem em Ivani Fazenda sua grande representante. Essa visão está centrada na pessoa, na qualidade de ser humano e procede, então, segundo uma abordagem fenomenológica (2001, 2005).

Podemos distingui-la das demais ao acompanhar que a lógica francesa é orientada em direção ao saber, à epistemologia; a lógica americana sobre o fazer cotidiano e institucional; já a interdisciplinaridade brasileira é orientada ao docente e à atitude pedagógica. Que se conste, a interdisciplinaridade científica é diferente da interdisciplinaridade pedagógica e é nesta direção que segue a lógica brasileira.

A concepção nacional abarca para si o que as visões anteriores têm de melhor e as complementa ao valorizar aquele que a produz, a partir sempre da singularidade do docente e de sua história de vida, colocando esse conhecimento a serviço da escola em que se encontra e da educação em geral. Quando tais percepções são partilhadas, o amadurecimento é mútuo, elevando tanto a quem o oferece quanto a

quem o recebe. Isso acontece de forma perceptível, pois a atitude interdisciplinar manifesta-se aos olhos de todos.

Assim, podemos entender que só haverá interdisciplinaridade quando ela estiver concretizada nas ações humanas. Ela há de existir plenamente quando deixar para trás os traços imateriais de puro conceito e ganhar existência real na atitude docente. Por atitude interdisciplinar entende-se uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca e ao diálogo - com pares idênticos, anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio perante o novo e em redimensionar o velho; atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas nele envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro; enfim, de vida (FAZENDA, p.82).

A primazia ante qualquer saber está no ser humano. A interdisciplinaridade fenomenológica valoriza toda experiência individual e ainda mantém a interação com o outro sempre ativa; é nessa troca de ideias que a pessoa constrói sentidos que definem sua forma particular de ação nos diversos contextos em que atua. Cada conhecimento, por mais ingênuo que seja, torna-se parte importante na apreensão da realidade.

Nessa vertente, o senso comum, tão criticado em momentos outros da história do conhecimento, recebe seu reconhecimento e é elevado à condição de *bom senso*. Passando, assim, a reforçar a elaboração refletida e coerente do saber a partir da explicitação das intenções conscientes dos indivíduos livres, que são, portanto, ativos, capazes de críticas e donos de si mesmos (ARANHA, MARTINS, 1998). É dessa forma que a interdisciplinaridade coloca, lado a lado, humildes e estudiosos,

pois, anterior a qualquer tipo de estudo ou título, o que ela reconhece é o humano e tem consciência de sua contribuição insubstituível para a construção do saber.

Quando acolhido e participante, o homem se motiva para continuar evoluindo e encontra as condições que o impulsionam a se aprimorar e também a produzir conhecimento. Tal atitude passa ser exemplo aos demais, fomentando no outro o desejo pelo estudo e pela pesquisa. “O ativo envolvimento ou a mera exposição àquilo que os outros estão fazendo geralmente inspira a pessoa a realizar atividades semelhantes sozinha” (BRONFENBRENNER, 1996, p.7), mas principalmente, que encontrará neste outro ao seu lado um companheiro, um colega aprendiz, disposto a encarar as mudanças que conduzem ao desenvolvimento intelectual.

Considerando essas diferentes perspectivas (europeia, americana e brasileira), antes de vê-las como antitéticas, irremediavelmente opostas, é importante que se creia que elas devem ser apreendidas em sua riqueza singular e ser consideradas como complementares. A atitude interdisciplinar exige, então, uma busca por solucionar desafios que lhe surgem a partir de seu cotidiano e do sistema em que a pessoa está inserida, tal qual na vertente americana, além de pautar-se e sustentar-se teoricamente, tal como nos pede a visão francesa. O ponto de partida para isso é a visão única e insubstituível do professor, tal como nos prega a vertente brasileira.

Conscientes das possibilidades e dos desafios em se assumir uma atitude interdisciplinar, eis uma aposta vantajosa. Isso porque essa atitude “apresenta possibilidades que antes não eram oferecidas e quando isso acontece, surge a oportunidade de revitalizar as instituições e as pessoas que nela trabalham” (FAZENDA, 2002, p.18). Em particular, os docentes passam a ser mais ativos na construção do saber, o que os faz exemplos vivos a seus pares e alunos. Como numa relação recíproca e dialética,

percebemos que quando o indivíduo muda, o espaço em que está muda com ele; quando o professor busca desenvolver-se, o ambiente em que se encontra também se desenvolve e se torna apto a realmente construir saberes. Eis o que se deseja quando o assunto é o ambiente escolar.

O professor pesquisador

A relação inovadora que a interdisciplinaridade fenomenológica propõe tem como base o diálogo do professor com o ambiente em que se encontra e com o outro. Ela exige a consciência plena do entorno em que se vive, a fim de obter respostas contextualizadas e que atinjam diretamente os problemas constatados. O que evitaria a queda na utopia geralmente encontrada nas teorias que regem a escola à distância.

Junto ao outro encontra-se amparo e motivação para construir juntos e de maneira mais completa as respostas de que necessitam. Uma interpretação unilateral tenderia ao erro, por isso, é preciso valer-se daqueles que estão ao seu lado, professores ou alunos, pais ou diretores, para que a interpretação se corrobore e se identifique plenamente com a realidade.

A relação com o ambiente e com o outro produz diversas inquietações, dúvidas e incertezas, que, enquanto não forem trabalhadas, impedem o amadurecimento e atrapalham o docente em seu relacionamento com os demais professores e alunos. Porém, é impossível esperar que ele encontre primeiro as respostas de que precisa para só depois desempenhar seu papel. É preciso a ousadia de fazer isso simultaneamente e, mais ainda, que se utilize dessas inquietações como impulso revitalizador de suas atitudes.

É preciso aceitar seus sentimentos e, a partir deles, construir uma metodologia do trabalho interdisciplinar que se apoia na análise introspectiva pelo docente de suas práticas, de maneira a permitir-lhe

reconhecer aspectos de seu ser (seu 'eu') que lhe são desconhecidos e, a partir daí, tomar consciência de sua abordagem interdisciplinar (LENOIR, 2005-2006).

Isso pode ser possível quando, ao assumir suas questões existenciais, o docente aceite o desafio de respondê-las, ouse aventurar-se pelo caminho desconhecido de seu próprio "eu". "As pesquisas no Brasil vem apontando para a necessidade de uma análise introspectiva do professor e de suas práticas, de maneira a fazer ressurgir de seu ser a ajuda e o auxílio que lhe são desconhecidos" (FAZENDA, 2009, p.107).

Ao abandonar sua passividade, transformando suas dúvidas em pesquisa, o docente começa "a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos" (THIESEN, 2008), e, de posse desse material intelectual que está dentro dele mesmo, torna-se novamente um aprendente e na obtenção, ainda que lenta, de suas respostas, ele obtém o valoroso reconhecimento de si (RICOEUR, 2006), tornando-se também capaz de reconhecer o outro ao seu lado. Na atuação conjunta, na troca de experiências e de conhecimento, evidencia-se um crescimento.

No entanto, é preciso reconhecer que a atitude interdisciplinar voltada para a subjetividade do docente corre o risco de cair em um total relativismo. Uma alternativa que não se pauta na realidade será uma quimera, um conjunto de ideias bonitas, de frases bem ordenadas, mas incapaz de apresentar resultados. Como também um conjunto de ideias fundamentadas apenas na experiência cotidiana e sem embasamento teórico não passa de senso comum, é incapaz de sobreviver às dificuldades e aos conflitos que a adoção de uma nova atitude suscita, tornando-se frágil ante qualquer postura distinta e ao ataque de teorias contrárias. Para evitar tal procedimento, a participação do outro se torna

ainda mais importante, pois ajuda a manter as ideias dentro do ambiente e da realidade a que elas pertencem.

Considerações finais

A interdisciplinaridade brasileira permite que os questionamentos provenientes da realidade em que se atua e do modo como se conduz as relações pedagógicas sejam o assunto principal de pesquisas. Tal singularidade não se encontra nas ideias dos grandes teóricos, o que torna seus conceitos incompletos.

Cabe ao professor tornar-se mais do que um simples reprodutor de saberes e assumir as singularidades com as quais se encontra e torná-las públicas, de modo que completem as teorias já existentes.

A partir do momento em que o professor se apropria das questões que o cercam e aceita respondê-las, tornando-se um pesquisador, isso exige dele um aprimoramento, uma constante atualização. A construção dos resultados desejados faz com que ele se encaminhe em busca de teorias que corroborem e ampliem sua visão particular. Isso lhe proporciona um amadurecimento inquestionável e o faz exemplo real da importância e dos benefícios do conhecimento.

Tais estudos, baseados na subjetividade da pessoa do docente, avançam e produzem resultados acima do esperado, pois, a visão particular desse estudioso, além de valorizar as teorias e hipóteses já existentes, transcende-as, construindo saberes originais.

O professor-pesquisador, ao disponibilizar sua visão única, ao falar de sua realidade própria, mostra aos interessados um ponto de vista valioso e complementar, auxiliando a desvendar o que ainda está oculto dentro do ambiente escolar e na interação professor-aluno-conhecimento. Esse trabalhador está nas universidades, e está também nas escolas básicas. É

ele que conhece realmente o aluno, que o identifica a partir de sua singularidade, e sua experiência necessita ser partilhada.

A interdisciplinaridade brasileira, ao impor essa partilha de saber por parte de todos, principalmente do docente de educação básica, tão alheio a esses debates, ajuda a construir uma verdadeira democratização do saber. O conhecimento passa a ser realmente responsabilidade de todos.

Participar dos debates cria um sentimento de pertencimento, o que gera um cuidado especial e uma atitude diferenciada. O professor há de sentir-se mais aberto a novas ideias, mais disposto a assumi-las e a questioná-las. A participação deles faz com que o professor mude positivamente, a escola realmente se transforma em um lugar de pesquisa e de amadurecimento intelectual. Assim, os alunos também se alteram, aceitando seus professores como exemplos e auxiliando-os em novas descobertas.

Referências

ARANHA, M. L. de A., MARTINS, M. H. P. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FAZENDA, I. C. A. Formação de professores: Dimensão interdisciplinar. **Revista Brasileira de Formação de Professores**, FACEC, Goiás, V.1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.facec.edu.br/seer/index.php/formacaodeprofessores/article/viewArticle/24>> Acesso em: 5 ago. 2010.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

_____. Construindo aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre interdisciplinaridade. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LENOIR, Y. Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas. **Revista E-Curriculum**, PUCSP, São Paulo, V.1, n. 1, 2005-2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em: 5 ago. 2010.

LENOIR, Y.; HASNI, A. La interdisciplinaridad: por un matrimonio abierto de La razon, de La mano y del corazón. **Revista Ibero-Americana de Educación**. n.35, p. 167-185, 2004.

POMBO, O. A interdisciplinaridade como problema epistemológico e exigência curricular. **Revista Inovação**. CFCUL. V.6, n.2, 1993. Disponível em: <<http://cfcul.fc.ul.pt/textos>>. Acesso em 21 set. 2010

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, A. J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & Inovação**. São Paulo, Manole, 2011.

RICOEUR, P. **Percorso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, v.13, n.19, set./dez.2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27503910>>. Acesso em: 21 set. 2010.